

ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS: REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE

Rogério Santos Souza

Professor da Educação Básica, Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Especialização em Estudos Étnicos e Raciais do Instituto Federal da Bahia (IFBAO, Licenciado em História (UFRB).

E-mail: rg.edu.souza@gmail.com

ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS: REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE**TEACHING HISTORY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND AFRO-BRAZILIAN STORYTELLING: RECORDING OF A TEACHING EXPERIENCE**

Rogério Santos Sousa

RESUMO

O presente trabalho apresenta o registro de uma experiência docente numa escola de Educação Infantil no município de Maragogipe-BA e aponta para a necessidade do trabalho do Ensino de História neste universo educacional. Foi utilizada a metodologia de contação de histórias com a temática afro-brasileira enquanto mecanismo facilitador e auxiliador na (re)reconstrução da identidade étnicorracial de crianças de 4 e 5 anos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Educação Infantil, Contação de história, Experiência docente.

ABSTRACT

The present work presents the record of a teaching experience in a School of Early Childhood Education in the district of Maragogipe-BA and it points to the necessity of working History Teaching in this educational universe. It was used the methodology of storytelling with the Afro-Brazilian theme as a facilitator and helper in the (re)reconstruction of the ethnic-racial identity of children between 4 and 5 years old.

KEYWORDS: Teaching History in Early Childhood Education and Afro-Brazilian Storytelling: recording of a teaching experience

Analisando a obra da historiadora Circe Bittencourt, intitulada: *Ensino de História: fundamentos e métodos*, percebo que esta indica diversos caminhos para entender as questões relacionadas ao ensino da História. A estudiosa faz suas observações restringindo-se ao ensino fundamental e médio. Entendo a Educação Infantil, também, como integrante do universo educacional e, portanto, um espaço privilegiado para o desenvolvimento do indivíduo, bem como da construção da identidade e da consciência histórica.

Ao apresentar as novas percepções das propostas curriculares para o Ensino de História, voltadas às primeiras séries do ensino fundamental (agora denominadas como ensino de nove anos), Circe Bittencourt, propõe uma sugestão, ao mencionar a afirmação de que estas, “[...] visam ultrapassar a limitação de uma disciplina apreendida com base nos feitos dos heróis e dos grandes personagens, apresentados em atividades cívicas e como figuras atemporais” (BITTENCOURT, 2009, p.12-13).

Coaduno com o exposto, mas saliento que este princípio de historicizar tais momentos, bem como episódios ocorridos na história do Brasil, em nosso Estado, nosso município e na rua onde moramos é, também, princípio na Educação Infantil que tem, entre suas práticas, o compromisso de desenvolver possibilidades de reconhecimento e valorização de nossa história, da nossa identidade.

Percebo, sobretudo, a importância da contação de histórias nas turmas do ensino infantil, tendo em vista que, a partir dessas histórias, as crianças podem entrar em contato com a história de sua localidade, da realidade brasileira, de modo a perceberem-se enquanto sujeitos históricos, responsáveis pela transformação das realidades.

De acordo com a bibliografia apurada, o processo de integração social e de formação das identidades de uma criança se dá nos anos iniciais de sua vida. O ambiente escolar contribui (ou deve contribuir) de forma significativa na formação dos sujeitos, entendendo que o desenvolvimento humano é resultante da troca da construção coletiva e histórica, pois é a partir da interação com o outro, que formamos nosso eu. Importante ressaltar, como aponta Tadeu Tomás da Silva, que

A identidade não é uma essência, não é um dado ou um fato- seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada e permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performático (SILVA T., 2000, p. 96).

Habitam exatamente nesse sentido a importância e a responsabilidade das escolas, em especial as de Educação Infantil, pois as crianças atendidas nestas unidades possuem uma faixa etária propícia e fértil¹ ao desenvolvimento, podendo a escola, juntamente com a família, contribuir para a construção de uma identidade positiva ou negativa.

Entretanto, tratando-se do ensino infantil, reconheço o papel pedagógico e a importância que a contação de histórias desempenha, enquanto ferramenta auxiliar de formação de identidades, como nos apresentam alguns estudiosos:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Bruno Bettelheim percebe o papel pedagógico da contação, quando aponta para a possibilidade da criança,

[...] à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. [...] e através dos contos de fadas pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de história (BETTELHEIM, 1980, p. 12-13).

Bettelheim apresenta, ainda, os contos como ferramenta auxiliar no processo de construção das identidades, pois,

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e também sugerem experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da diversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade (BETTELHEIM, 1980, p. 32).

Por todas essas razões, a escola tem uma representação de caráter fundamental, que possibilita à criança compreender o acesso a um círculo de convivência diferenciado, viabilizando as experiências e reconhecimento com diferentes culturas, já que é nesse espaço onde, geralmente, tem contato com a contação de história.

Mostra-se necessário, no entanto, que se tenha atenção para como e quais histórias são contadas no espaço escolar. É imprescindível que as professoras e os professores selecionem histórias que, de alguma forma, possam contribuir para a criança entender-se

¹ Verificar texto de Márcia Regina Terra: **O Desenvolvimento Humano na Teoria de Piaget**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>.

enquanto sujeito no mundo, compreendendo sua realidade e nesse ensejo, conseguindo construir as habilidades inerentes a sua faixa etária. Cumprindo seu papel pedagógico, a técnica de contação de história é uma atividade que desperta nas crianças elementos psicológicos, ampliando assim, as possibilidades quanto ao processo de ensino e aprendizagem, bem como do desenvolvimento da criança na qualidade de sujeito.

Como se trata de uma faixa de idade em que as crianças ainda não desenvolveram o processo de letramento e escrita, a história falada/contada alcança a sensibilidade da criança, de forma mais eficiente e imediata do que qualquer outra forma de linguagem literal. Pois, ao nos reportarmos ao uso de uma fala literal, presente no cotidiano, contando um “*causo*”, por exemplo, nossa fala reflete um pensamento. Enquanto, as narrações de uma história da literatura infantil, com as riquezas de detalhes e ilustrações, nos aproximam do universo da criança: a imaginação (SUNDERLAND, 2005, p.18).

O que me interessa nesse estudo é perceber a eficácia da contação de histórias no contexto da sala de aula de Educação Infantil no que tange ao desenvolvimento intelectual, histórico e social das crianças, a partir das reflexões resultantes da realização do projeto de intervenção.

Os estudos de Vigotski ensinam que a forma mais viável do desenvolvimento da criança se dá por intermédio da interação social, de modo que, acerca desta forma de interação, o mesmo assegura

que os processos de funcionamento mental do homem são favorecidos pela cultura, através da mediação simbólica. A partir de sua inserção num dado contexto cultural, de sua interação com os membros de seu grupo e de sua participação em práticas sociais historicamente construídas, a criança incorpora ativamente as formas de comportamento já consolidada na experiência humana (VIGOTSKI, p. 55, 2001).

É através das palavras, dos gestos e dos sinais que as crianças estabelecem relação com a cultura e constroem seu aprendizado escolar e social. A escola apresenta-se como lugar propício para que haja esta interação, pois a relação com o outro neste espaço possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento psicológico e racional (VIGOTSKI, 2001).

Sendo a escola um lugar de construção de saberes, a contação de histórias, em sua função pedagógica, estimula a criança a interessar-se pela leitura e escrita, apresenta um novo repertório de comunicação falada ou escrita, com a possibilidade de desenvolvimento das representações artísticas, além de despertar a imaginação. Sem deixar de reconhecer a

importância do livro, enquanto objeto com função de trazer reflexões à criança, acerca de sua própria condição humana e a busca de entender seu significado social.

Compreendo que a contação de história no contexto da sala de aula, do grupo infantil, assume importante papel ao estimular a imaginação, oportunizando o processo de aprendizagem e o gosto pela escrita e leitura das crianças. Mediante o uso da contação de histórias, é dada a possibilidade à criança de poder iniciar o processo de construção de sua identidade e desvelar realidades e culturas. A escola deve assumir o compromisso de validar a cultura destas crianças, através das histórias que lhes serão contadas, uma vez que, a literatura infantil além de entreter, auxilia na construção do conhecimento histórico, cultural e social.

PROJETO DE INTERVENÇÃO

O Ensino de História, em um de seus objetivos norteadores, *relaciona-se à construção de identidades* (BITTENCOURT, 2009, p. 121). A partir dessa perspectiva, considero a importância da História no processo de formação das identidades, em sua pluralidade e a construção dos conhecimentos significativos aos indivíduos.

Esse princípio de construção da identidade perpassa, também, pelo lugar do ensino infantil que nos Referenciais Curriculares Nacionais atentam para uma formação que

[...] busque possibilidades de comunicação e interação social; [...] relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista [...], respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração; [...] conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998, p. 63, v. 1).

Enfatizo, portanto, a importância da História nos diversos segmentos educacionais, inclusive na Educação Infantil, por perceber nela, a possibilidade de transformação social e cultural, além de consolidar os princípios norteadores dos elementos que constituem nossa identidade.

Obviamente, os conteúdos/temas da História para o segmento infantil, devem ter suas especificidades, levando em consideração a capacidade de elaboração e reelaboração inerentes à faixa etária.

Por esta razão, reafirmo, a importância da contação de histórias para crianças de 4 e 5 anos, como mecanismo facilitador da construção de identidades e da formação da consciência histórica.

As rodas de contação realizadas na Escola Municipalizada Juvenil de Oliveira, em Maragogipe-Ba, ocorreram entre os meses de março e junho de 2014. A seleção das histórias infantis atendeu à solicitação do corpo docente da referida escola, que apresentava um quadro desfavorável às meninas negras, principais vítimas de preconceito no contexto da sala de aula. A contação de histórias teve como obras da Literatura Infantil:

O Casamento da Princesa: Obra de Celso Sisto, com ilustrações de Simone Matias retrata um conto popular da África Ocidental, em fábula.

As tranças de Bintou: Livro escrito por Sylviane A. Diouf, com ilustrações de Shane W. Evans, conta a história da menina Bintou que vive na África, e tem como seu maior sonho ter tranças longas e enfeitadas como as de sua irmã.

Menina Bonita do Laço de Fita: Literatura infantil, escrita por Ana Maria Machado, ilustrações Claudius. A história retrata e exalta a beleza do negro, através do desejo do coelho branco em ser negro. O conto nos ajuda a refletir acerca das diferenças e a formação da identidade, pensando a partir dos personagens presentes na literatura infantil.

Ginga: A Rainha Menina, de Laura Catarina e Rogério Souza, conto sem ilustrações. Utilizamos fantoches para contar a história de Ginga, uma menina que em brincadeira com seus dois amigos nos apresenta a história de Rainha Nzinga, e apresenta as possibilidades de ser líder de uma brincadeira sendo menina ou negra.

Tudo Bem Ser Diferente: Obra de Todd Parr, um exercício sensível de respeito às diferenças, nos apresentando, então, um desenho da diversidade presente em nosso país. Além de muito bem lustrado, o livro traz para o centro da conversa, diferenças existentes na sociedade e, obviamente, no contexto da sala de aula.

A experiência nas oficinas de contação de histórias permite acreditar no quão essencial é a presença das histórias no universo da Educação Infantil e como os conhecimentos históricos, assim como a consciência histórica podem ser desenvolvidos a partir das histórias contadas. Pois,

aprender a ser sujeito da história, adquirir a consciência do mundo como o ser-estar-homem-no-mundo e saber praticar esta consciência em prol da construção de um mundo cada vez mais humano, de modo que por meio de seus atos o homem o construa como um mundo cada vez mais para si mesmo, isso dá certo sobretudo quando se começa desde pequeno (GUIMARÃES; FALLEIROS, 2005, p. 4).

Esses princípios de formulação da consciência devem, além do contexto familiar, estar firmados nas orientações pedagógicas escolares, tendo na dimensão do Ensino de

História, seus fundamentais mecanismos, em todos os níveis de ensino: da Educação Infantil ao Ensino Superior, especialmente nos cursos de licenciatura. Os conhecimentos históricos que estão firmados na identidade dos profissionais de educação, seguramente, cumprirão a transformadora responsabilidade de auxiliar na construção das identidades dos alunos, possibilitando a estes a apreensão das realidades e o desenvolvimento de valores, que tenham como premissa o respeito às diferenças e singularidades de cada sujeito.

RODAS DE LEITURA E METODOLOGIA EMPREGADA

A Escola Municipalizada Juvenil de Oliveira sempre primou pela qualidade de ensino e cuidado com suas crianças. Como em outras realidades, os/as professores/as ainda encontram dificuldades com algumas questões, como salienta a professora (Entrevistada III):

Na verdade, eu nunca tinha pensado que **as histórias que eu não contava pudesse ir além de um momento de distração para os alunos**. Quando você começou a contar as histórias (refere-se à execução do Projeto de Intervenção), fazendo relação com coisas do nosso cotidiano, com relação à diversidade das pessoas que estão na nossa sociedade foi que acendeu uma luz na minha cabeça e percebi o quanto ainda temos para aprender (ENTREVISTADA III, 2014, Grifo meu).

O relato da professora chama atenção para a constante necessidade de reformulação e atualizações de nossa prática, pois as crianças, enquanto autores da/ná história, seguem as mudanças impostas pelas conjunturas e estruturas sociais. De modo, que não é cabível mantermo-nos presos a ideologias imutáveis e inflexíveis.

Como professor desta unidade escolar, em anos anteriores e, a partir das constantes discussões sobre as questões étnicorraciais com as colegas (professoras), que me inquietei e realizei o Projeto de Intervenção no ano de 2014. Outro elemento que me impeliu a empreender as oficinas de contação de histórias foram os dados do censo da escola, no que se refere à opção “cor/raça”, onde num total de 205 crianças, 94 delas aparecem como negras no referido censo.

Ainda que o número de crianças negras seja maioria, ficou perceptível, enquanto observava as pastas de matrícula que algumas crianças, socialmente negras, apareciam como brancas ou pardas. Esta observação faz-se necessário, pois não tive da escola uma resposta convincente acerca do critério de inclusão da informação étnica de cada criança no senso.

Quando analisava os dados das crianças, constatei uma inclinação para o reconhecimento, a partir da fotografia anexada à ficha. Em outro momento, fui informado que

a indicação da “cor/raça” da criança era feita pelo seu responsável. Algo que muito me inquietou, foi perceber que duas crianças, filhas dos mesmos pais, mas que tinham características étnicas distintas (uma com pele clara e outra com pele escura) aparecem no censo, uma como branca e a outra como negra; de modo ter ficado perceptível que a escola não tem critérios que motive aos pais ou responsáveis a pensar as questões étnicorraciais, a partir da construção identitária e não unicamente pela cor da pele.

Para a realização do Projeto de Intervenção, solicitei junto à direção da escola, autorização para o desenvolvimento do projeto, intitulado: “*As Histórias que Esqueceram de nos Contar*”; de modo que à coordenação pedagógica e às professoras das turmas de Pré I e Pré II foi pleiteada a licença e permissão para que pudesse conviver, certo tempo, com as crianças nos encontros semanais, que duravam em torno de uma hora e meia por grupo, sempre às sextas-feiras.

O número de turmas que era reunido para a contação, oscilava de acordo com a quantidade de alunos presentes naquele dia na escola. E, em relação à escolha da sexta-feira, esta foi uma indicação das professoras, pois neste dia, apesar do horário ser reduzido (das 7:30 às 10:00h no turno matutino e das 13:00 às 15:00h no turno vespertino), as crianças já tem uma rotina de produzir trabalhos artísticos e atividades ligadas à ludicidade.

A escola, no ano de 2014, teve o número de 205 alunos com frequência assídua. No entanto, em consequência da ausência de algumas crianças, houve um número de 81 alunos que não participaram da atividade.

O EXERCÍCIO DE VER-SE NO ESPELHO (PRIMEIRO ENCONTRO).

Ao organizar o espaço onde ocorreram as rodas de contação, estando as crianças sentadas em círculo, me apresentava e conversava brevemente com elas, sobre a razão de minha presença naquele encontro. Feito isto, apresentava um espelho, com, aproximadamente, 1 metro de altura e perguntava se eles conheciam aquele objeto e qual sua função. À medida que cada criança se via, verbalizava suas características físicas e quando necessário, fazia intervenção, perguntando: “*O que o espelho está lhe dizendo/mostrando? Me diz: Como são seus olhos, sua boca, seus dentes, suas mãos, cabelos, cor da pele? Você se considera grande, forte, bonito?*”.

Durante o exercício com o espelho, foi notório a recusa por parte de algumas crianças em dizer o que o espelho lhe mostrava. Sem pressioná-las, consegui que todas as crianças que estavam no círculo, falassem, ainda que timidamente, sobre suas características. As crianças negras, em sua maioria, eram as que mais se recusavam a falar, especialmente, as meninas, quando o item eram os cabelos.

O PRIMEIRO AUTORRETRATO (AINDA NO PRIMEIRO ENCONTRO)

Após o exercício de se ver, se reconhecer e verbalizar suas características, os alunos eram convidados a realizar seu autorretrato. O que me chamou atenção foram as constantes perguntas das crianças questionando, insistentemente, quanto à cor que deveriam pintar. Tinham sempre como resposta: *“Quando você se viu no espelho, como era a cor de seus olhos, seus cabelos, sua pele!?”*. A atividade foi realizada com uma caixa de lápis de cera, com 24 cores, para cada grupo de quatro crianças.

A APRESENTAÇÃO DO LIVRO (OS ENCONTROS SEGUINTE)

O segundo encontro e os subsequentes com as turmas, foram para realizar a contação das histórias. De início, apresentei a capa do livro, o título, o nome do autor e do ilustrador, e perguntava sempre: *“O que vocês conseguem ver na capa deste livro?”*. Eles sempre respondiam, atentando primeiro às figuras centrais e, por seguinte, as periféricas. Foi possível observar que na segunda ou na terceira história, alguns já sinalizavam: *“Aí é o nome do livro! Aquele nome pequeno é o nome do homem que faz o desenho! O outro é da moça que escreveu a história!”* percebendo, ainda que não saibam ler, a existência e importância daqueles símbolos (letras, palavras) na capa dos livros.

Ainda fazendo leitura da capa das obras, mantinha o costume de perguntar: *“O que vocês imaginam que tem dentro desse livro? Que história ele está guardando para nos contar?”*. As respostas eram sempre permeadas de muita imaginação. Certa vez, uma criança gritou, satisfeita: *“Deve ser a história de mais uma menina assim igual a eu, pretinha.”*. A turma inteira sorriu e percebi nesse desabafo orgulhoso os primeiros indícios da eficácia deste aparato pedagógico, pois a criança percebeu a intenção da contação.

Após a leitura dos contos, solicitava que eles dissessem o que mais os agradou e, a partir da verbalização das crianças, fazia reflexões acerca dos elementos que aquele conto nos deu oportunidade. Em seguida, os alunos representavam a história em forma de desenho.

REENCONTRO COM O ESPELHO E O SEGUNDO AUTORRETRATO

Depois de contar todas as histórias, no último encontro, o espelho volta aos círculos de conversa para realizar a dinâmica de se ver/reconhecer e dizer aos colegas aquilo que o espelho apresenta. Percebo primeiro, menor dificuldade em verbalizar aquilo que vê de si e depois, não menos significativo, as possíveis relações que as crianças estabeleceram entre si e alguns personagens presentes nas histórias que foram contadas. O que indica, mais uma vez, a possibilidade de construção da identidade, consciência história e reestruturação da autoestima a partir do contato com a literatura infantil, que apresenta a importância e a valorização do grupo afrodescendente.

As crianças, com a mesma distribuição dos lápis, realizaram um segundo autorretrato. Antes, contudo, reencontraram sua primeira produção, de modo que perceberam como anteriormente tinham se autorrepresentado.

ANÁLISES DOS RESULTADOS

A avaliação dos resultados do Projeto de Intervenção foi realizada em dois momentos: questionários respondidos pelas professoras responsáveis pelas turmas, que participaram das oficinas e os autorretratos das crianças produzidos antes e após a contação de história, além, obviamente das observações por mim realizadas.

QUESTIONÁRIOS

O Projeto de Intervenção foi realizado em vinte encontros, contabilizando: os momentos da dinâmica do espelho (ante e depois da contação de história); os dias das rodas de leitura e o encontro com as educadoras para avaliação da prática.

Em relação às discussões das questões étnicorraciais no espaço escolar, uma professora nos informou:

Eu lembro que quando eu era criança **na escola não tinha essa questão de raça**. Eu mesma fui vítima de preconceito por ser negra, mas os professores nunca disseram nada. Minha mãe que dizia que o que meus colegas diziam não era verdade. Ela sempre me disse que eu era bonita. Mas **na escola eu não lembro de ter visto nenhuma discussão sobre essas coisas de racismo ou dizer que eu também era bonita**. E as histórias que as professoras contavam sempre eram da Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, A bela Adormecida e hoje já tem princesas negras nas histórias, ainda bem. Na verdade não são princesas, mas já é melhor que não ter personagem negro (ENTREVISTADA V, 2014, Grifo Nosso).

Diante da exposição desta professora, pude perceber que as questões étnicorraciais, apesar de não serem uma demanda recente, devem ser assimiladas pelos profissionais de educação, especialmente daqueles que atuam no ensino infantil. Entretanto, há de convir, que tais depoimentos nos revelam uma mudança de atitude e as possibilidades que se abrirão a partir de então.

Algumas professoras afirmam ter dificuldade para tratar das questões étnicas. Esse fato poderia ser explicado, por exemplo, em razão da ausência de um Projeto Político Pedagógico que norteie o desenvolvimento de atividades atentas ao cumprimento da Lei 10.639/03 e 11.645/08, bem como dos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil, que prezam pelo cuidado e discussão acerca das questões de formação da identidade e enfrentamento a comportamentos discriminatórios.

Nesse sentido, é necessário que seja estimulado o respeito às diferenças no cotidiano escolar a partir, por exemplo, da contação de histórias. Saliento, contudo, que o simples ato de ler uma história não contribui para minimizar os traços de preconceito já presentes na identidade de algumas crianças. As atividades, todas elas, devem ser pensadas numa perspectiva formadora e não apenas lúdica.

As Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, chama:

[...] atenção para a importância de não realizar atividades isoladas ou descontextualizadas. É importante que a temática das relações étnico-raciais esteja contida nos projetos pedagógicos das instituições, evitando-se práticas localizadas em determinadas fases do ano como maio, abril, agosto, novembro. Estar inserido na proposta pedagógica da escola significa que o tema será trabalhado permanentemente e nessa perspectiva é possível criar condições para que não mais ocorram intervenções meramente pontuais, para resolver problemas que surgem no dia a dia relacionados ao racismo. Aos poucos, o respeito à diversidade será um princípio das instituições e de todas as pessoas que nela atuam (BRASIL, 2006, p. 166).

Estas orientações apontam para importantes considerações e preocupações que podem e devem fazer parte das ações da sala de aula. Assim, é possível perceber que a Literatura Infantil pode nos auxiliar para com a valorização e reconhecimento da diferença

presente em seus personagens e que, de algum modo, é reflexo da diversidade encontrada na escola, bem como da realidade de nosso país.

Quanto a avaliação do Projeto de Intervenção em suas turmas, algumas professoras sinalizaram:

Falando a verdade, a partir de agora eu vou contar mais histórias. Percebi que **é um instrumento muito importante para ajudar os alunos desenvolver a criatividade, o respeito aos colegas e até mesmo ajudar na personalidade dele**. Eu sempre achava que a história era só, assim, pra fazer atividades artísticas depois de contar a história, pedir para eles fazer o desenho dos personagens. Mas na verdade **eles é que são os personagens...** (ENTREVISTADA X, 2014).

A Entrevistada VII, revela:

[...] Já durante as histórias eu percebi algumas crianças mudar o comportamento na sala. Antes alguns **não queriam sentar na mesma mesa que uma colega que era negra. Não era nem tão negra assim**, mas às vezes tinha que parar a aula para resolver problemas por conta disse. Eu sempre dizia que **todo mundo é igual**, mas às vezes não tinha jeito. Depois que contou a história da menina que disse que as meninas também podia ser rainha (Ginga: a Menina Rainha). **Não importava se era branca ou negra**. Depois disso **ela nem ligava mais e por incrível que pareça os colegas implicam menos com ela** (ENTREVISTADA VII, 2014, Grifo Nosso).

Outra Entrevistada, considerou:

Acho que a atividade foi muito produtiva. Houve muitas mudanças tanto nos alunos como em mim mesma. Foi muito importante por que eu tive várias ideias para trabalhar com eles. É muito bom quando percebemos que podemos fazer mais ainda pelos alunos. **E com as histórias parece que fica até mais fácil falar de preconceito, de meninos e meninas (gênero) tem os mesmos direitos, que tem que respeitar os colegas porque cada um é de um jeito** (ENTREVISTADA III, 2014, Grifo Nosso).

A Entrevistada I, que tem 24 anos de trajetória no Ensino Infantil, conclui:

Parece mentira, mas é mais fácil do que a gente pensava. Eu mesma já tenho tantos anos trabalhando com Educação Infantil e **sempre tive dificuldade pra falar de coisas de gênero e raça. Mas nunca pensei que as histórias poderiam me ajudar**. Os alunos desde pequeno já vem com isso de casa, essas coisas de não gostar de negro. **Como pode crianças de tão pequenas já ter preconceito?** Gostei muito desse projeto. Me ensinou muito e os meninos também gostaram muito (ENTREVISTADA I, 2014, Grifo Nosso).

Os resultados decorrentes das percepções das professoras, foram muito positivos. Doravante às respostas das educadoras, compreendo que, aplicada da forma correta, a contação de histórias, revela-se como um importante, eficaz e prazeroso instrumento pedagógico. Trata-se, portanto, de um mecanismo auxiliador tanto no processo de ensino e aprendizagem, quanto na construção da identidade étnicorracial.

Partindo do pressuposto de que a escola apresenta-se enquanto espaço privilegiado de diversidade, esta deve assumir uma postura de combate a qualquer tipo de discriminação. Por vezes, ocorre exatamente o contrário. Há educadores que, de certa forma,

contribuem para ações de inferiorização dos traços que caracterizam a população negra. Como consta no relato de uma das professoras entrevistadas:

Quando eu vi, achei estranho e com jeitinho, perguntei a razão dela **tirar os lápis preto da caixinha**. Ela disse que não era nada não, mas que **não gostava de deixar o lápis preto para os alunos não manchar as pinturas**. Eu achei aquilo horrível, mas não falei mais nada (ENTREVISTADA IX, 2014, Grifo Nosso).

A citação acima revela uma ação pouco educativa, distante dos princípios prescritos na Lei 10.639/03, bem como todos os outros norteadores educacionais. Posturas como essas, validam o espaço da sala de aula como propício para o enraizamento do racismo, impedindo, inclusive, a autorrepresentação e autoafirmação das crianças negras. Pois, como é comum a feitura do autorretrato no universo infantil, resta aos alunos negros se representar com o lápis de “cor de pele”, sugerido pela professora. Como acrescenta a entrevistada:

...ela disse que, às vezes, **os alunos riscam tudo de preto e fica feio**. Eles ainda são pequenos para saber que **tem que pintar as pessoas** (pinturas de bonecos, bonecas, corpo humano) **com o lápis cor de pele** (refere-se à cor rosada) (ENTREVISTADA VI, 2014, Grifo Nosso).

Inegavelmente, percebo o quanto de responsabilidade as escolas, o sistema educacional, tem ao se isentar de tais enfrentamentos. As instituições de ensino não podem se omitir diante de comportamentos discriminatórios, devendo se posicionar em defesa do respeito às diferenças, garantindo o direito da subjetividade de cada criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não tem por objetivo generalizar os resultados, pois trata-se do estudo de uma realidade específica: Escola Municipalizada Juvenil de Oliveira, em Maragogipe-BA. No entanto, pode-se considerar alguns aspectos de extrema importância, os quais dizem respeito à importância da contação de história, enquanto mecanismo auxiliar, na construção de uma autoimagem positiva da criança negra, no universo da Educação Infantil, bem como, da construção de sua identidade étnica e formulação da consciência histórica. Nesse sentido, entendo este mecanismo metodológico-pedagógico, como fundamental em todo contexto do ensino infantil, independente da realidade.

Os resultados da pesquisa apontaram, em primeiro plano, para a influência do racismo, historicamente disseminado no Brasil, implícito na formação das crianças de 4 e 5 anos da escola onde foi realizada o projeto, sendo a principal vítima: a população negra.

O racismo, seus traços de uma história perversa e de negação da identidade afro-brasileira, perdura até os dias atuais e é constantemente reforçado, seja pela imagem estereotipada do negro, que ainda configura os livros didáticos e/ou paradidáticos; pela postura omissa que os profissionais de educação ainda possuem; ineficiência da base estrutural, em decorrência da falta de acompanhamento, o que contribui para a inaplicabilidade da Lei 10.639/03.

Saliento quanto a necessidade de pensar esta estrutura e inquietarmo-nos quanto as reais atribuições, preocupações e responsabilidades para elaboração, manutenção, validação e aplicabilidade das leis. E, no que tange a Educação Infantil é de extrema necessidade que este segmento esteja incluído nos grupos de ensino que tem a lei como obrigatória.

Seria suficiente a elaboração da lei e formação dos professores, diretores e coordenadores pedagógicos para que esteja, de fato, sendo posta em prática? Não caberia a manutenção por parte dos atores da secretaria de educação municipal e, na esfera infantil, a coordenação específica desta modalidade, avaliar os impactos da lei e sua reavaliação contínua? E nós, profissionais de educação, qual o compromisso em executar o que exige a lei? E os pais/responsáveis pelas crianças, quais suas participações nesse processo? Tais questionamentos nos apresenta a necessidade de investigar, entender e propor mudanças atitudinais que tem impedido esta “engrenagem” de funcionar.

Deste conjunto de elementos, chamo atenção para a figura do/a professor(a), não que este/esta seja o/a único(a) responsável por esta realidade, mas por percebermos que é este profissional que, mais de perto, atua com as crianças no chão da sala de aula. As docentes de Educação Infantil da referida unidade de ensino, reconhecem e dizem ter presenciado situações de discriminação em suas turmas. São crianças de 4 e 5 anos que se afastam do outro, por causa das diferenças fenotípicas, evidenciando neste caso, que é a identidade étnicorracial que demarca os limites das salas. As educadoras revelam, ainda, que nem sempre sabiam como lidar ou desenvolver atividades relacionadas à temática étnica em sala de aula, com vistas a combater o preconceito.

Sujeitas a essa realidade, as crianças negras estavam vulneráveis a um processo de construção de uma autoimagem negativa, pois não encontravam naqueles espaços, referências positivas da história de seus “semelhantes”.

Os/as professores(as) e professoras são fundamentais no processo ensino-aprendizagem e de formação da personalidade das crianças. Também por isso, têm a responsabilidade de conduzir cada uma delas na construção de uma postura de enfrentamento dos preconceitos, reafirmando identidades e, principalmente, trazendo para a sala de aula, situações que coloquem em discussão temas como o racismo, devendo mostrar o negro brasileiro dissociado da ideia de escravo, apresentando a trajetória negra com foco na contribuição que esse segmento étnico trouxe e traz para o país, resgatando e valorizando a cultura africana e afro-brasileira.

O impedimento do/a aluno(a) se autorrepresentar nas atividades artísticas com a cor que mais se aproxime da sua coloração epitelial, além de violenta, é um elemento que contribui para negação de sua identidade. Ainda mais quando lhe é apresentado como alternativa, recorrer à cor que, algumas docentes classificam como “cor de pele”, uma cor rosada. Tal comportamento, além de interferir na autoestima da criança, contribui para uma formação identitária de negação.

Outro aspecto a ser considerado está relacionado à Lei 10.639/03 e sua importância na promoção de uma prática educativa que prime pelo reconhecimento da história das populações afro-brasileiras, tão subestimadas nos espaços educativos, em particular na Educação Infantil. Entendo como necessário, a reelaboração dos princípios relacionados à temática etnicorracial, bem como uma revisão da Lei 10.639/03 que ao acrescentar o art. 26-A à lei 9394/96 estabeleceu que em seu texto enfatiza, apenas, a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, estando portanto, a Educação Infantil fora desse contexto.

A escola é um importante agente na construção da identidade da criança e, como nos orienta um dos princípios do Ensino de História, campo de estudo em que se insere esta pesquisa, é necessário: *“localizar a criança no seu contexto e, assim, torna-la capaz de se reconhecer como ser humano dentro de um sistema de relações sociais que foi formado ao longo do tempo”* (FERMIANO, SANTOS, 2014, p.10). Julgo, portanto, de fundamental importância que as escolas de Educação Infantil, bem como as de outros segmentos de ensino, devem levar em consideração, em seu programa pedagógico a parcela majoritária de alunos negros, reflexo da configuração étnica do município. Os alunos devem encontrar no contexto da sala de aula, representações de histórias que se aproximem de sua realidade, sendo possível se reconhecer representado naquele que é, também, lugar de ser e conhecer.

Portanto, a escola deve preocupar-se com uma convivência baseada no respeito às diferenças e na validação da existência daqueles que compõe o espaço escolar. Se nossas histórias, não aparecem nos livros (Didático ou de Literatura Infantil), devemos pensar situações para abordar/relacionar a trajetória dos nossos povos e possibilitar propostas de trabalhos para inserir como temática/conteúdo, questões énicorraciais e assim trabalhá-las de maneira contextualizada, para que os educandos tenham uma aprendizagem significativa, na qual uma criança negra não mais necessite negar-se e descredenciar-se da sua cultura e ancestralidade, tendo, muitas vezes, que assumir uma identidade de outro grupo étnico para se sentir aceita.

Em suma, sinalizo que as histórias (reais ou inventadas) podem nos ensinar muito acerca de nós mesmos. Conhecer outras vivências podem nos auxiliar na formação pessoal e, conseqüentemente, na formação de nossa nação. Assim, acontecia em África, quando os mais velhos compartilhavam com os mais jovens suas histórias de vida, os segredos da terra, os aprendizados que guardaram de seus antecessores. É por meio da tradição oral que tais experiências se perpetuaram (perpetuam) na memória, no comportamento e na vida de muitos de nós.

Experiência de ensino recebida em janeiro de 2017. Aprovada em julho de 2017

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. **Lei nº 10.639/2003 in: Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília/DF. Outubro de 2004.

GUIMARÃES, M. N.; FALLEIROS, I. **Os diferentes tempos e espaços do homem: atividades de Geografia e de História para o ensino fundamental**. SP: Cortez, 2005.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SILVA, Tomás Tadeu da. **A Produção Social da Identidade e da Diferença**. In: SILVA Tomás Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2000.

SUNDERLAND, Margot. **O Valor Terapêutico de Contar Histórias**. São Paulo: Cultrix, 2005.

VIGOTSKI, L. S. 1896-1934. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.